

**ACTES DEL X CONGRÉS INTERNACIONAL  
DE L'ASSOCIACIÓ HISPÀNICA  
DE LITERATURA MEDIEVAL**

**Edició a cura de  
Rafael Alemany,  
Josep Lluís Martos  
i Josep Miquel Manzanaro**

**Volum II**

**INSTITUT INTERUNIVERSITARI DE FILOLOGIA VALENCIANA  
«SYMPOSIA PHILOLOGICA», 11**

**Alacant, 2005**

Asociació Hispànica de Literatura Medieval. Congr s (10 . 2003. Alacant)  
 Actes del X Congr s Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval /  
 edició a cura de Rafael Alemany, Josep Lluís Martos i Josep Miquel Manzanaro. -  
 Alacant : Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2005. - 3 v. (1636 pp.) ;  
 23,5 x 17 cm. - (Symposia philologica ; 10, 11 i 12)  
 Ponències en català, castell  i gallec  
 ISBN: 84-608-0302-3 (84-608-0303-1, V. I; 84-608-0304-X, V. II; 84-608-0305-8, V. III)  
 1. Literatura medieval - Història i crítica - Congresos. 2. Literatura espanyola - Anterior  
 a 1500 - Historia y crítica - Congresos. I. Alemany, Rafael. II. Martos, Josep Lluís.  
 III. Manzanaro, Josep Miquel. IV. Título. V. Serie.  
 821.134.2.09"09/14"(063)

Director de la col·lecció: Josep Martines

  Els autors

  D'aquesta edició: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana

Primera edició: maig de 2005

Portada: Llorenç Piz 

Il·lustració de la coberta: Taulell amb escena de torneig (1340-1360),  
 Museu Municipal de l'Almod , X tiva  
 Imprimeix: T BULA Diseño y Artes Gráficas

ISBN (Volum II): 84-608-0304-X

ISBN (Obra Completa): 84-608-0302-3

Dipòsit legal: A-519-2005

La publicació d'aquestes *Actes del X Congr s Internacional de l'Associació Hisp nica  
 de Literatura Medieval* ha comptat amb el finançament de l'Acció Especial  
 BFF2002-11132-E del Ministerio de Ciencia y Tecnología.

Cap part d'aquesta publicació no pot ser reprodu ida, emmagatzemada o transmesa de cap manera ni per  
 cap mitjà, ja siga electrònic, químic, mecànic, òptic, de gravació o de fotocòpia, sense el perm s previ de  
 l'editor.

## LÍRICA TROVADORESCA GALEGO-PORTUGUESA E CULTURA CLERICAL

Lírica trovadoresca e cultura clerical têm sido aproximadas, por vezes, com ênfase diversa no que se refere ao âmbito, o papel e o peso de cada um dos termos da relação. Nesta exposição, procuro, em primeiro lugar, resumir alguns pontos que considero significativos nessa caminhada, dando relevo especial, ainda que não exclusivo, às relações entre a lírica trovadoresca —principalmente a galego-portuguesa— e a escolástica. Desnecessário dizer que não tenho a pretensão de ser exaustiva no sumário. Em segundo lugar, fazer um breve apanhado dos estudos mais recentes sobre a escolástica medieval e a *logica modernorum*; finalmente, apresentar um exemplo do que me parece constituir relação intertextual clara entre uma cantiga de amor e uma questão lógica que foi objeto central de discussão nos manuais de lógica terminista da segunda metade do século XII e primeiras décadas do XIII.

I. Em 1861, no seu livro *De los trovadores en España*, Milá y Fontanals dedicava um capítulo à lírica galego-portuguesa, aquela que, entre as poesias líricas de Espanha, lhe parecia oferecer maior analogia com as poesias provençais que mais se distinguem pela naturalidade e o caráter afetivo. Entre os motivos que arrolava para justificar essa relação, estava a ausência da «importuna erudição escolástica» que Milá reprovava no *parlar clus* e na poesia castelhana posterior (Milá y Fontanals 1966: 42-43, 472-473, 485). Carolina Michaëlis, por sua vez, na resenha bibliográfica que serve de primeiro capítulo ao segundo volume da edição do *Cancioneiro da Ajuda*, e que inclui os estudos publicados até 1900, repetiu a observação de Milá, sem a comentar: «Accentua a ausencia de toda a erudição escolastica» (Vasconcelos 1990: 25); dado o tom elogioso geral dessa nota bibliográfica e o tom polêmico com que a filóloga, em geral, refuta as opiniões que não partilha, penso podermos entender que Michaëlis concorda com essa avaliação, mesmo porque em nenhum ponto daquele volume volta ela a tratar do assunto. Discorda, aliás, da opinião expressa por López Ferreiro, de que coube à igreja e à cidade compostelana um papel importante no «cultivo de ciertas formas literarias y poéticas, que tanta boga alcanzaron durante los siglos XIII y XIV» (López Ferreiro 1902: v, 380).

Em 1909, Wechssler publica o primeiro volume do estudo *Das Kulturproblem des Minnesangs*, dedicado à relação entre a lírica trovadoresca e o Cristianismo. Aí arrola alguns pontos de contacto entre a poesia trovadoresca e a escolástica, que deixou nela uma série de marcas, como as práticas intelectuais da *disputatio* e da *questio*, que se manifestam no *partimen*; o comentário, que se reconhece nas *razos*;<sup>1</sup> a tendência à construção de um sistema, expresso na concepção da ciência do amor; o gosto pelo acolhimento de concepções contraditórias do amor e da vida num mesmo poema; e, finalmente, o selo escolástico imposto ao próprio estilo trovadoresco: Wechssler observa que os poetas falam nos seus poemas amorosos mais como professores e pensadores do que como indivíduos amadores, expressando-se regra geral apenas em ponderações e sentenças gerais, das quais partem para expor a sua própria situação. Assim, conclui Wechssler, muitas canções de amor são mais uma exposição erudita do que um testemunho pessoal, mais «ciência» do que «vida», pensando e escrevendo o erudito poeta amoroso muitas canções na forma da lógica escolar dominante<sup>2</sup> (Wechssler 1966: 398-405).

Rodrigues Lapa, examinando por sua vez a tese das origens do lirismo trovadoresco segundo os médio-latinistas, resume a proposta de Wechssler, sem contudo aprofundá-la. Lapa está mais interessado, na verdade, nas relações musicais e poéticas que se podem estabelecer entre formas litúrgicas, como as seqüências, e a poesia profana; no caso da península Ibérica, embora reconhecendo o papel de Santiago de Compostela como o foco mais intenso da cultura hispano-cristã na Idade Média, nega que a sua influência tenha sido exclusiva na gênese do lirismo. Nas suas palavras, «a influência do canto litúrgico, das salmodias e não tanto a dos hinos de Santiago, é que provocaram o nosso lirismo arcaico, imprimindo-lhe um selo inconfundível» (Lapa 1929: 148-9).

Fora do âmbito da lírica trovadoresca, por aplicar-se a outro campo artístico, é imperioso, porém, mencionar o sugestivo estudo de Erwin Panofsky, *Gothic Architecture and Scholasticism*, conferência pronunciada na Universidade de Princeton em 1948 e publicada como volume em 1951 (Panofsky 1974). Panofsky vê, entre a arquitetura gótica e a escolástica, uma conexão mais concreta do que um simples paralelismo e mais geral do que as influências que os conselheiros eruditos exercem sobre os artistas. Trata-se, diz ele, de uma relação de causa e efeito que, ao contrário das influências individuais, se instaura por difusão e não por contacto direto: por aquilo que Panofsky chama então de «hábito mental» — *habitus*,<sup>3</sup> no

1. Wechssler cita mesmo o comentário que se inclui na biografia de Guilhem de la Tor: «mas quan volia dire sas cansos, el fazia plus lonc sermon de la razon, que era la cansos» (Wechssler 1966: 403).

2. «So wurde manches Minnelied mehr eine gelehrte Auseinandersetzung als ein persönliches Bekenntnis, mehr Lehre als Leben. [...] Und hier können wir hinzufügen, dass der gelehrte Frauensänger viele Lieder in den Formen der herrschenden Schullogik dachte und schrieb» (Wechssler 1966: 398, 405)

3. Pierre Bourdieu, no «Postface» ao livro, elucida o conceito de *habitus*, por analogia com a gramática gerativa de Chomsky, como «système de schèmes intériorisés qui permettent d'engendrer toutes les pensées, les perceptions et les actions caractéristiques d'une culture, et celles-là seulement. Ce que M. Erwin Panofsky s'efforce de dégager de ces discours concrets et particuliers que sont les cathédrales gothiques ou les sommes théologiques, c'est peut-être, en dernière analyse, cette 'forme intérieure', pour parler le langage de Wilhelm von Humboldt, c'est-à-dire le *modus operandi*, capable d'engendrer aussi

sentido escolástico de «princípio que rege o ato», e que se encontra em ação em toda civilização. Não é preciso supor, observa ele, que os arquitetos de edifícios góticos tivessem lido os mestres escolásticos no original. Eles estavam expostos à doutrina escolástica de mil maneiras: tinham freqüentado a escola, ouviam sermões, assistiam às *disputationes de quolibet*, que se tinham tornado acontecimentos sociais; além disso, o sistema social ainda oferecia um terreno de encontro onde o clérigo e o leigo, o poeta e o jurista, o letrado e o artista podiam entrar em contacto num pé de quase igualdade. O arquiteto medieval profissional era um homem com experiência do mundo, que viajou e leu bastante e gozava de prestígio social. Mas o interesse do estudo comparativo de Panofsky consiste, principalmente, no fato de colocar entre parênteses o conteúdo conceptual da doutrina escolástica e concentrar a atenção no seu *modus operandi*, decorrente por sua vez do seu *modus essendi*, a sua razão de ser, ou seja, o estabelecimento da unidade da verdade. Assim fazendo, Panofsky identifica alguns princípios reguladores da escolástica que vão encontrar correspondência na arquitetura gótica: o princípio da *manifestatio* como elucidação ou clarificação, e o princípio da *concordantia*, que opera através da aceitação e reconciliação de possibilidades contraditórias. As técnicas de conciliação, desenvolvidas a partir do *sic et non* de Abelardo, e elevadas ao nível de arte com a assimilação da lógica aristotélica, determinaram a forma da instrução escolar, o ritual das *disputationes de quolibet* e o método argumentativo utilizado nos próprios escritos escolásticos (Panofsky 1974: 83-131). O que Panofsky afirma em relação ao arquiteto medieval aplica-se, naturalmente, portanto, também ao poeta.

Partindo de um ângulo de análise diverso —o caráter dialógico de todo ato de comunicação literária— Maria Luisa Meneghetti identifica também nos gêneros poéticos dialogados (*partimen*, *tenso*, etc.) uma versão profana da técnica empregada por Abelardo, no *sic et non*: da mesma forma que este elenca 158 pares de predicação contrária ou contraditória, o *partimen* toma a forma de um debate, implicando precisas opções dilemáticas (Meneghetti 1984: 149 ss).

II. Passo agora ao segundo ponto da exposição. Na segunda metade do século xx, a escolástica medieval foi submetida a importante revisão, à medida que novos textos se tornavam mais conhecidos através de edições críticas, e novos métodos eram utilizados para a interpretação do seu caráter e da sua contribuição ao pensamento filosófico, lingüístico e lógico. Os novos estudos distinguem-se dos anteriores por prestarem grande atenção às condições materiais da vida intelectual na Idade Média. Assim, tem-se procurado conhecer melhor a produção e a difusão do conhecimento no contexto de desenvolvimento urbano que caracteriza os séculos XII e XIII; o papel que nisso tiveram as universidades, o clero secular e as ordens mendicantes, o intercâmbio cultural com a cultura árabe e judaica; as condições institucionais nas faculdades de artes das primeiras universidades; as chamadas «práticas intelectuais» (Weijers 1996) utilizadas não só no ensino, como a *lectio*, a *questio* e a *disputatio*, mas também na própria forma de apresentação dos textos — a escrita, as abreviaturas, os comentários, a divisão em partes e capítulos, índices, etc.<sup>4</sup>

bien les pensées du théologien que les schémas de l'architecte, qui fonde l'unité de la civilisation du XIII<sup>e</sup> siècle» (Panofsky 1974: 152)

4. Cf., para uma descrição detalhada desses enfoques, Rosemann 1999.

No que se refere à lógica medieval, o seu conhecimento beneficiou-se nos últimos anos de um grande número de publicações em que se alia a competência filológica, na edição de textos, identificação de autores e fontes, estabelecimento de interrelações, e o trabalho de exegese crítica de autores familiarizados com os resultados e as técnicas da lógica moderna e da filosofia analítica (Spade 1988: 3). Especialmente importantes foram as edições que De Rijk publicou das *Summulae logicales* e do *Tractatus Syncategorematum*, de Pedro Hispano, assim como de textos lógicos escritos e utilizados já a partir da segunda metade do século XII, incluídos nos três volumes da *Logica Modernorum* (De Rijk 1962-1967, 1972, 1992).

Esses tratados permitem acompanhar o desenvolvimento da contribuição da escolástica à lógica, isto é, aquelas teorias que constituem a chamada *logica modernorum* e que continuam despertando o interesse dos lógicos contemporâneos: a teoria relativa às propriedades dos termos (*De proprietatibus terminorum*) e a teoria sobre a significação e a função das palavras sincategoremáticas (*syncategoremata*). O conceito chave da lógica terminista é o de *suppositio*, e o seu método principal consiste na análise e solução dos *sophismata*. A origem da noção de suposição é teológica e gramatical, remontando aos debates sobre a teologia trinitária; assim, já no século XII, os teólogos utilizavam o termo *supponere*, conhecido dos gramáticos com o sentido de «funcionar como sujeito», para interrogar-se sobre a maneira como «supõem», em certos enunciados trinitários, termos que oferecem a possibilidade de serem entendidos como nome essencial (comum), para designar a essência, ou como nome pessoal (próprio), para designar o suposto. Na virada do século XII para o XIII, o verbo *supponere* designa ao mesmo tempo o papel sintático do sujeito gramatical de uma frase e o valor semântico que é o seu no exercício desse papel (Libera 1998: 386-387).

III. Depois dessa breve e necessariamente simplificada introdução histórico-epistemológica, gostaria de acompanhar, também de forma resumida, o meu próprio percurso nesta matéria. O meu interesse pelo assunto foi despertado por dois aspectos ligados ao lirismo trovadoresco, que me chamaram a atenção há algum tempo. Um deles é intrínseco e refere-se ao carácter nitidamente argumentativo predominante no discurso das cantigas de amor;<sup>5</sup> o outro é extrínseco, e diz respeito ao papel formador e consolidador que a cultura clerical, em especial a compostelana, teria exercido, na primeira metade do século XIII, sobre o grupo de trovadores que sabemos terem estado vinculados, de forma mais ou menos direta, à Catedral de Santiago. Do ponto de vista intrínseco, tenho investigado algumas cantigas nas quais podemos identificar marcas intertextuais de questões presentes nos tratados de lógica coetâneos (Vieira, no prelo a). Do ponto de vista extrínseco, a relação muito próxima de alguns trovadores com a Catedral de Santiago, como por exemplo Osoiro Eanes, que ali foi cônego; de outros, cuja relação é menos direta, como Airas Fernandes Carpancho, irmão do arceidiago Adão Fernandes, e Martim Eanes, irmão de Osoiro Eanes; ou trovadores pertencentes a um grupo cujo centro político e cultural se localizava em Santiago de Compostela: é o caso dos trovadores ligados

5. De um ponto de vista distinto, procedimentos que compartilham desse carácter foram analisados por Beltran 1993, 1995.

a Rodrigo Gomes de Trastâmara: Pai Soares e Pero Velho de Taveirós, Pero Garcia de Ambroa, Nuno Rodrigues de Candarei, e Nuno (ou Mônio) Fernandes de Mirapeixe (Vieira 1999), ao qual vou dedicar o restante da minha apresentação.

Carolina Michaëlis levantou inicialmente a hipótese de se tratar de um aragonês; um pouco mais adiante, porém, ainda no próprio volume II do Cancioneiro da Ajuda, registrou, com aplauso, a informação de López Ferreiro de que na verdade o trovador era galego, ligado a D. Rodrigo Gomes de Trastâmara, e documentado em escrituras de compra do ano 1237 (Vasconcelos 1990: II, 526, 581-2, 609 n. 4). Documentação adicional aduzida posteriormente (Oliveira 1994: 394-5; Vieira 1999: 116-120) parece confirmar que se trata realmente de um trovador galego, ligado a Rodrigo Gomes de Trastâmara, embora os documentos se refiram a familiares seus e não a ele, especificamente.

De sua autoria, constam duas cantigas de amor (B 44 e 45), editadas por Carolina Michaëlis no Cancioneiro da Ajuda, com os números CA 328 e 329. Carolina e Tavani mantiveram os 10 versos que constituem B 45 como uma única cantiga. Resende de Oliveira, porém, inclina-se a considerar que os 6 últimos versos constituem o início de uma nova composição do autor (Oliveira 1994: 394). Sem entrar agora nessa questão, vou ocupar-me aqui destes polêmicos seis versos:

Quantos oge no mundo son,  
 nen foran, nen jamais seran,  
 nunca quiseron, nen querran,  
 nen queren tan gran ben molher  
 com'eu vus quer'; e non me val  
 contra vos nen esto, nen al.

Tavani (1986: 308) anota, na cantiga, o predomínio da hipérbole. Com efeito, os versos realizam dois movimentos opostos: um, de inclusão absoluta, que junta num conjunto marcado negativamente todos os demais homens que existem, existiram e existirão, assim como o amor que tiveram por suas damas; o outro, de exclusão absoluta, constitui um conjunto unitário, onde se encontra sozinho o amor do poeta, que se distingue do amor dos demais homens por ser maior («tan gran ben»). Isto, do ponto de vista do poeta-amador. Num terceiro movimento, porém, muda-se o ponto de vista, que passa do amador para a amada. Aos olhos desta, que agora constitui o conjunto unitário por excelência, a superioridade do amor do poeta, antes dada como absoluta, não é que se relativize, mas reduz-se ao absoluto nada, assim como qualquer outra possibilidade eventual de reconhecimento e retribuição do seu amor. No curto espaço de 6 versos, portanto, toda a humanidade presente, passada e futura foi descartada e suplantada por um único indivíduo, no que diz respeito ao amor, para serem ambos os conjuntos logo em seguida aniquilados, por sua vez, pela onipotência da mulher amada. Poderíamos, talvez, perseguir aqui algumas ressonâncias religiosas; mas não é o que me parece mais flagrante, em termos de relações intertextuais.

O que me chamou a atenção nesses versos foi a patente semelhança que revelam com alguns exemplos que encontramos, com bastante frequência, nos manuais de

lógica de finais do século XII e primeira metade do XIII. Esses exemplos comparecem, quando se discute, nesses tratados, uma questão fundamental para a teoria terminista —os conceitos de *significatio*, *appellatio* e, finalmente, de *suppositio*, conforme a evolução que sofreram ao longo dessas décadas. Assim, se tomarmos o tratado *Summe Metenses*, constante do Ms. 11.412 da Biblioteca Nacional de Paris, e editado por De Rijk (De Rijk 1967: 449-490), de data não posterior a 1220, segundo o seu editor, podemos ler, no capítulo III, *De appellationibus* (De Rijk 1967: II, 1, 458):

Sciendum tamen quod appellatio termini est suppositio eius pro iis qui sunt. Unde appellata dicuntur presentia supposita; suppositio est tum pro existente tum pro non-existente. Et ex hoc patet differentia inter appellationem et suppositionem, quia terminus communis per se positus supponit pro omnibus illis qui sunt vel qui erunt vel qui fuerunt participantes formam communem a qua imponitur. Unde bene dicitur: '*homo est*', '*homo fuit*', '*homo erit*'. Non autem terminus appellat nisi pro eo qui vere est.

O mesmo exemplo aparece em outros manuais.<sup>6</sup> Podemos tomar ainda como termo de comparação as *Summulae Logicales*, de Pedro Hispano,<sup>7</sup> que expõe, em linguagem clara e inteligível, as doutrinas lógicas em vigor em Paris na primeira metade do século XIII. Assim, no livro VI, que trata da suposição, Pedro Hispano distingue entre suposição natural e accidental e esclarece (De Rijk 1967: II, 1, 572):

Suppositio naturalis est acceptio termini communis pro omnibus de quibus aptus natus est predicari, ut '*homo*' per se sumptus de natura sua habet suppositionem pro omnibus hominibus qui sunt et qui fuerunt et qui erunt. Accidentaliter suppositio est acceptio termini communis pro omnibus pro quibus exigit adiunctum, ut '*homo est*'; iste terminus '*homo*' supponit hic pro praesentibus. Cum autem dicitur: '*homo fuit*' supponit pro praeteritis. Cum vero dicitur: '*homo erit*', supponit pro futuris. Et ita habet diversas suppositiones secundum diversitatem eorum quae ei adiunguntur.

O conceito de suposição natural, por oposição a suposição accidental, é um ponto bastante controverso (De Rijk 1969; Coxito 1989; Libera 1980), que deu origem a duas teorias distintas da referência, conhecidas como a doutrina parisiense e a oxfordiana. Em Paris, predominou o entendimento de que a *suppositio* é uma

6. Cf. De Rijk: 1967, 495-9, 528, 573.

7. A identificação de Pedro Hispano, autor do *Tractatus*, depois conhecido como *Summulae Logicales*, com Pedro Juliano, o futuro Papa João XXI, tem sido contestada há já algum tempo. Cf. Santos 1994: 38; Longeway 1998: 324-5; Meirinhos 1996: 51-76; D'Ors 1997: 21-71. No entanto, quer o *Tractatus* seja obra do futuro João XXI quer de um outro frade, terá sido também escrito na primeira metade do século XIII e representa o estado dos estudos lógicos em Paris nas primeiras décadas do século: «No hay duda de que nuestro Pedro Hispano no hizo otra cosa sino presentar en una clara e inteligible exposición la doctrina lógica entonces corriente, por el estilo de los pequeños manuales *in usum auditorum*» (De Rijk 1969: 225).

propriedade pré-proposicional dos termos, que sofre uma modificação no momento em que o termo é inserido numa proposição; assim, um termo comum tomado à parte (*per se sumptus*) tem uma suposição «natural», ou seja, uma referência ao conjunto dos indivíduos passados, presentes e futuros que compõem a lista total da sua extensão. Ao integrar-se como sujeito de uma proposição, o termo sofre uma restrição (*restrictio*), passando a ter uma suposição «acidental», com referência limitada pelo tempo do verbo que o modifica; por exemplo, em «o homem é branco», a suposição é acidental, e só se aplica (está por) a um homem existente no momento da enunciação. A tradição inglesa, porém, entende que não há «suposição natural», isto é, que a suposição é uma propriedade proposicional apenas. Assim, em princípio o sujeito de uma proposição refere-se a indivíduos existentes e presentes; o seu âmbito pode contudo ser ampliado (*ampliatio*) por meio do tempo verbal, atingindo então indivíduos existentes no passado ou no futuro (Libera 1998: 389-390).

O nosso poema, ou fragmento de poema, revela, como me parece claro, uma familiaridade com essa linguagem técnica dos tratados de lógica. Não se situando, porém, dentro dos limites pragmáticos que se estabelecem para o tratamento das questões dialéticas, o seu propósito distinto o exime de certos procedimentos que lhe teriam sido impostos, naquele caso. Julgo, portanto, que o trovador se vale, para os seus propósitos específicos, de uma linguagem que teria ressonância certa no meio culto em que circulava, ou seja, o discurso técnico das controvérsias em torno dos conceitos de *significatio*, *appellatio* e *suppositio*. Para tornar absolutamente distinto, pela sua intensidade, o amor que dedica à *senhor*, amplia a suposição de «quantos [homens]», incluindo a variação temporal não só no caso da existência, mas também na do predicado que lhes atribui: presente, passado e futuro de existência (v. *ser*), passado, futuro e presente do predicado (v. *querer*). Parece não querer deixar por conta das variações teóricas a possível interpretação restritiva ou ampliada da sua comparação.

Penso ser dispensável dizer que não proponho nem que Nuno Fernandes de Mirapeixe fosse um clérigo formado na Universidade de Paris (embora não fosse impossível, se nos lembrarmos do caso paralelo de Osoiro Eanes),<sup>8</sup> nem que o seu poema seja comparável ao tratado de lógica de Pedro Hispano. O que, sim, me parece muito claro é que, pelo menos no que se refere a esse grupo de poetas que circularam à volta de Santiago de Compostela, a linguagem culta se ressentisse do contacto próximo com as práticas intelectuais escolásticas então prestigiosas, seja em ambiente clerical propriamente dito, como nos sermões, seja em situações mais mundanas.

Já referi antes como a *disputatio* encontrou eco nos gêneros trovadorescos dialogados e também nos chamados ciclos de cantigas de provocação e resposta, de que temos um exemplo paradigmático no chamado «processo da ama» (Vasconcelos 1896). Assim, não posso furtar-me a expressar a suspeita de que os

8. Veja-se, também, o caso de Adão Fernandes, irmão de Airas Fernandes Carpancho (Souto Cabo & Vieira, no prelo b).

nossos 6 versos possam ser lidos dentro de um contexto fortemente permeado pelas práticas da *questio* e da *disputatio*, em que participassem, entre outros, Nuno Fernandes e um trovador vizinho, freqüentador dos mesmos ambientes senhoriais, Pai Soares de Taveirós. Com efeito, entre os *incipits* arrolados por Tavani (1967), que poderíamos aproximar do nosso verso 5 (Quantos oge no mundo son) (Oliveira 1994: 395), figura o da cantiga de Pai Soares «Quantos aqui d’Espanna son» (115, 10), na qual se desenvolve o mozdobre com os tempos dos verbos «perder o dormir», «dormir», relacionando-os ao presente do desejo; também nesta cantiga de Pai Soares constitui-se uma classe única à parte, para o poeta, e oposta à de «quantos aqui d’Espanna son», porque estes perdem o sono por estarem fora da sua terra, enquanto o poeta já perdera o sono ali mesmo, por coita de amor. Nuno Fernandes, porém, levará o tema do «eu *versus* os demais» às suas últimas conseqüências. Nisso, contrapõe-se ainda a uma outra cantiga do mesmo Pai Soares, na qual este, confinando o seu caso amoroso aos limites estabelecidos, dentro de quatro estrofes, por um «como» inicial e um «assi» final («Como morreu quen nunca ben / ouve... ay, mia sennor, assi moir’eu!»), dissolve a sua individualidade enquanto amador no magma constituído por todos aqueles que fazem do itinerário amoroso da *fin’amor* um ritual de iniciação, destinado a possibilitar a sua entrada num círculo de elite, exclusivo e prestigioso (Pulega 1995: 228).

Naturalmente, o diálogo entre essas duas cantigas coloca-se como uma hipótese, que encontra apoio, para além da semelhança temática, no fato de terem ambos os trovadores pertencido ao mesmo grupo social e geográfico. Não podemos dizer, no entanto, que a cantiga de Nuno Fernandes seja uma resposta à de Pai Soares, nem sequer o reverso. Inscrevem-se ambas as cantigas, porém, num universo em que possíveis configurações do par «eu x os outros» se organizam discursivamente a partir de esquemas conceptuais e práticas intelectuais fortemente codificados e impositivos. Por essa mesma razão, fica claro que Nuno Fernandes, muito embora assumia um radicalismo hiperbólico nesses versos, não pode ser visto como um romântico *avant la lettre*, opondo o seu coração ao mundo. Ao reconhecer, nos dois últimos versos, que a amada tem, apesar de tudo, o poder de recusar o seu amor, por mais que este atinja o limite absoluto da exclusão frente aos demais, o trovador reconduz finalmente o universo às fronteiras já anteriormente dadas e aceitas. Digamos, então, que ele visita os limites extremos do papel do amante e da amada, sem contudo conseguir rompê-los; pelo contrário, o modelo da *fin’amor* sai reforçado da prova a que foi submetido.

Através do emprego poético de uma fórmula tão fortemente impregnada pela lógica terminista para expressar, levando-o ao extremo, o domínio do amor, realiza no nível formal o enlace conciliador dos dois campos —conceptual e afetivo—, mimetizando o esforço que se exercia, no discurso filosófico e teológico, para buscar a unidade da verdade entre fé e razão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRAN, Vicenç (1993), «La estructura conceptual de la cantiga de amor», dentro de *O Cantar dos Trovadores: Actas do Congreso celebrado en Santiago de Compostela, entre os días 26 a 29 de abril de 1993*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 53-75.
- (1995), *A cantiga de amor*, trad. de Xela Airas, Vigo, Edicións Xerais de Galicia.
- COXITO, Amândio (1989), «Las doctrinas de la “significatio” y de la “suppositio” en Pedro Hispano», *Pensamiento*, 179, pp. 227-237.
- DE RIJK, L. M. (1962-7), *Logica Modernorum: a Contribution to the History of Early Terminist Logic*, vols. I e II, Assen, Van Gorcum.
- (1969), «Significatio y suppositio en Pedro Hispano», *Pensamiento*, vol. 25, nos. 97-98-99, pp. 225-234.
- DE RIJK, L. M., ed. (1972), *Peter of Spain: Tractatus, called afterwards Summule Logicales*. Assen, Van Gorcum.
- (1992), *Syncategoremata (On Syncategorematic Words)*. Trans. J. Spruyt. Leiden, Brill.
- D'ORS, A. (1997), «Petrus Hispanus O.P., Auctor Summularum», *Vivarium*, 25, pp. 21-71.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1929), *Das origens da poesia lírica em Portugal*, Lisboa, Edição do Autor («Seara Nova»).
- LIBERA, Alain de (1980), «On some 12th and 13th Century Doctrines of Restriction», *Historiographia Linguistica*, VII: 1-2, pp. 131-143.
- (1998), *La philosophie médiévale*, Paris, PUF. [1993, 1a. ed.]
- LONGEWAY, John L. (1998), «Peter of Spain (c. 1205-1277)», dentro de Edward Craig, gen. ed., *Routledge Encyclopaedia of Philosophy*, London / New York, Routledge, s.v., pp. 324-325.
- LÓPEZ FERREIRO, Antonio (1902), *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*, Santiago de Compostela, Imp. y Enc. del Seminario Conciliar Central.
- MEIRINHOS, José Francisco (1996), «Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores», *Revista Española de Filosofía Medieval*, 3, pp. 51-76.
- MENEGHETTI, Maria Luisa (1984), *Il pubblico dei trovatori: ricezione e riuso dei testi lirici cortesi fino al XIV secolo*, Modena, Mucchi.
- MILÁ Y FONTANALS, Manuel (1966), *De los trovadores en España*, Barcelona. [1861, 1ª. ed.]
- OLIVEIRA, António Resende de (1994), *Depois do espectáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Colibri.
- PANOFSKY, Erwin (1974), *Architecture gothique et pensée scholastique*, trad. et postface de Pierre Bourdieu, Paris, Minit.
- PULEGA, Andrea (1995), *Amore cortese e modelli teologici: Guglielmo IX, Chrétien de Troyes, Dante*, Milano, Jaca Book.
- ROSEMANN, Philipp W. (1999), *Understanding Scholastic Thought with Foucault*. London, Macmillan.

- SANTOS, Manuel António Filipe dos (1994), «As obras filosóficas e teológicas de Pedro Hispano: estudo histórico-crítico», dissertação de mestrado em Filosofia Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Texto policopiado.]
- SOUTO CABO, José António & Yara Frateschi VIEIRA (2002), «Airas Fernandes, dito “Carpancho”, trovador compostelano», *Estudos Portugueses e Africanos*, 40, pp. 7-61.
- SPADE, Paul Vincent (1988), *Lies, Language and Logic in the Late Middle Ages*. London, Variorum Reprints.
- TAVANI, Giuseppe (1967), *Repertorio metrico della lífica gallego-portoghese*, Roma, Edizioni dell’Ateneo.
- (1986), *A poesía lírica galego-portuguesa*, trad. de Rosario Álvarez Blanco e Henrique Monteagudo, Vigo, Editorial Galaxia.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1896), «Der Ammenstreit. Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch, I», *Zeitschrift für romanische Philologie*, xx, pp. 145-218.
- (1990), *Cancioneiro da Ajuda*. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, xxiii), 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- VIEIRA, Yara Frateschi (1999), *En cas dona Maior: os trovadores e a corte senhorial galega no século XIII*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- (no prelo a), «Falácias do amor: o lirismo galego-português e a nova lógica», comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da Asociación Hispánica de Literatura Medieval, A Coruña, 18-22 de Setembro de 2001.
- (no prelo b), «A cor do potro prometido: lógica, ética e teologia na lírica trovadoresca», comunicação apresentada ao IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispánica de Literatura Medieval, Lisboa, 23, 24 e 25 de Outubro.
- WECHSSLER, Eduard (1966), *Das Kulturproblem des Minnesangs*. Band I, Minnesang und Christentum, Osnabrück, Otto Zeller, Neudruck der Ausgabe 1909.
- WIEJERS, Olga (1996), *Le maniement du savoir. Pratiques intellectuelles à l’époque des premières universités (XIIIe.-XIVe. siècles)*, Brepols, Turnhout.